VOCABULÁRIO E ORTOGRAFIA NO ENSINO DE PORTUGUÊS COMO LÍNGUA ADICIONAL PARA COREANOS[1]

IDALENA OLIVEIRA CHAVES (Hankuk University of Foreign Studies)

RESUMO: Este artigo apresenta uma proposta para enriquecer o aprendizado da escrita ortográfica do português brasileiro através do uso de palavras cruzadas. O que proponho aqui nasceu da minha experiência no ensino de português para alunos coreanos no departamento de estudos brasileiros da Hankuk University of Foreign Studies, na Coreia do Sul, como uma maneira lúdica de ensinar o vocabulário e a ortografia do português. Cruzar palavras, além de ser considerada uma forma de entretenimento, estimula a memória, melhora a ortografia e amplia o vocabulário, que como afirma Krashen, S. (1989), é essencial para o domínio de uma língua. O jogo apresentado nesse artigo foi criado a partir dos erros cometidos pelos alunos que estão aprendendo o português do Brasil como língua adicional, considerando a interferência sonoro/gráfica da língua materna ou de outras línguas.
PALAVRAS – CHAVE: ***vocabulário, ortografia, palavras cruzadas***

ABSTRACT: This article presents a proposal to enrich the learning of Brazilian Portuguese spelling through the use of crosswords. What I propose here comes from my experience in teaching Portuguese to Korean students in the department of Brazilian Studies at Hankuk University of Foreign Studies, South Korea, as a playful way to teach vocabulary and spelling of Portuguese. Crosswords, besides being considered a form of entertainment, boosts memory, improves spelling and expands the vocabulary, which, as Krashen, S. (1989) states, is essential for mastery of a language. The game presented in this article was created from the mistakes made by students who are learning Brazilian Portuguese as an additional language, considering the sound and spelling interference of the mother tongue or other languages.
KEYWORDS: vocabulary, spelling, crosswords

1. Introdução

Este artigo apresenta uma experiência de trabalho com o ensino da ortografia e do vocabulário do português brasileiro para alunos coreanos do curso de graduação em Estudos brasileiros da Hankuk University Foreing Studies, em Yogin-si, na Coreia do Sul. O objetivo é apresentar uma proposta para desenvolver a escrita ortográfica focalizando, principalmente, as dificuldades enfrentadas por alunos cujo sistema de notação gráfica difere totalmente da língua portuguesa, no que concerne a relação entre sons e letras. Foram selecionadas palavras específicas que permitissem trabalhar essas dificuldades, acentuando e revelando os contrastes entre a língua portuguesa e a língua coreana. Os casos destacados envolveram a representação de um fonema por mais de uma letra *([s],[z*]) e uma letra representada por mais de uma fonema (*L= [u]/ [l*]), como em *vez* , *casa*, *sal* e *lixo*, respectivamente.

A seleção promoveu, também, a ampliação do vocabulário com a apresentação de termos novos para os estudantes, que compuseram um jogo linguístico de cruzamento de palavras nas situações em que as letras ou sílabas geravam dificuldades na escrita pela interferência do som.

2. O vocabulário na aprendizagem de línguas estrangeiras

Segundo Paiva (2004) o ensino de vocabulário sempre enfatizou, nas abordagens mais antigas, a etimologia, explicava-se o sentido pela origem das palavras. A prioridade era a memorização e os alunos deveriam decorar listas imensas de palavras, traduzindo-as para o seu idioma. Embora essa prática ainda seja recorrente em alguns cursos de português como língua não-materna, pesquisas atuais comprovam que memorizar um conjunto de vocábulos de uma língua não é eficaz, pois não

[1]Este artigo recebeu apoio financeiro do Programa de Pesquisa da Hankuk University of Foreign Studies de 2014. (This article was supported by Hankuk University of Foreign Studies Research Fund of 2014.)

adianta gravar um glossário na memória sem expandir os diversos significados das palavras (Roberge, 2013).

Pesquisas em aquisição da linguagem, como Nagy, Anderson, e Herman (1987, p. 262) sugerem que as crianças aprendem uma grande parte do seu vocabulário de L1 a partir da leitura e escuta e Aymard, 1986, *apud* Chaves (2000) mostra que no início da fala infantil, primeiro se aprende a nomear as coisas para depois utilizar as ações. Deste modo, como afirma Krashen (1989), o vocabulário é então, uma parte essencial para nos tornar proficientes em uma língua estrangeira, assim como também é uma atividade importante para ampliar o repertório linguístico na língua materna. Ter um vocabulário variado em qualquer idioma nos torna mais aptos para nos expressar melhor, ajuda a descrever as situações e nomear objetos, facilitando a comunicação. Por isso é comum encontrarmos uma diversidade de propostas para desenvolver o vocabulário em língua estrangeira.

As pesquisas em Linguística Aplicada, principalmente em relação ao ensino de inglês, oferecem recursos que buscam, através do lúdico, desenvolver o vocabulário da língua, como *os flashcards*[2] e jogos para memorização, como motivadores da aprendizagem. O que ainda não ocorre no ensino de português como língua estrangeira. Para o ensino de inglês encontramos uma série de atividades lúdicas que podem ser utilizadas para a aprendizagem de vocabulário, como '*match-makers',* palavras cruzadas, anagramas, jogo da memória, caça-palavras, bingo, quebra -cabeça, forca e cartas enigmáticas. Além disso, ainda há o apoio da Internet que atualmente é uma fonte riquíssima de jogos didáticos para apoiar o professor. Ao procuramos esse tipo de atividade para o português temos mais dificuldades. Embora a literatura referente ao ensino de português como língua adicional (doravante, PLA) tenha se expandido bastante nos últimos anos, com uma grande variedade de teses, dissertações e artigos, ainda estamos carentes em materiais práticos para o trabalho na sala de aula. Há muitas publicações investigativas, como se pode conferir na revista da SIPLE, já na sua 4ª edição[3], e na listagem do Peppfol[4], bem como produções de anais de congressos, livros organizados (Almeida Filho, 1992; Júdice, 1997; 2005, Dell´Isola, 1996, 2005, 2012) e o portal do professor de português língua estrangeira (PPLE)[5]. Grande parte dos trabalhos têm como foco metodologias de ensino, materiais didáticos e interferência da língua materna, mas há algumas lacunas de publicações que tratam da aquisição de vocabulário e da aprendizagem da linguagem escrita em PLA.

Ensinaruma língua podeser definido como o ato de capacitar os alunos para se comunicar oralmente ou por escrito em determinado idioma.Torná-los hábeis para seexpressar ecompreender situações comunicativas na língua alvo. Existe uma crença de que o estudante estrangeiro não tem preocupação em aprender o código escrito da língua do país, preocupando-se sim, em adquirir habilidades para se comunicar melhor.

Para muitos alunos e professores aprender vocabulário resume-se a memorizar listas de palavras e seus correspondentes conceitos na língua materna. Entretanto, o aprendizado vai além disso, pois as palavras têm significados diferentes em contextos variados. Há relações de sentidos, como as metáforas, expressões idiomáticas, o estilo e o registro em determinados textos; há palavras que são essencialmente gramaticais como os conectores, e ainda há a ortografia de cada língua com as suas peculiaridades. Ou seja, não basta, simplesmente, memorizar uma palavra sem realmente compreendê-la.

Com o aumento da procura pelo aprendizado de português como segunda língua, temos observado uma diversificação nos objetivos que o aluno tem ao aprender o português. Novas demandas, como trabalhar para multinacionais estabelecidas em países lusófonos, principalmente o Brasil, participação em intercâmbios, entre outros.

Em conversas com estudantes de português tanto no Brasil quanto na Coreia, percebe-se que não há mais apenas a necessidade de aprender para se comunicar o suficiente. Em determinados contextos, é preciso escrever corretamente na língua, o que implica em, além de dominar os aspectos gramaticais, a pronúncia adequada das palavras, é necessário aprender a ortografia.

3. O alfabeto e o sistema ortográfico do português

[2]Os *Flashcards* são uma ferramenta-chave para aprender palavras novas e adquirir vocabulário.

[3]Disponível em www.siple.org.br.

[4]Disponível em http://www.let.unb.br/peppfolnovo/dissertacoes.html

[5] http://www.ppple.org

Na língua portuguesa grafamos 26 consoantes e cinco vogais que se multiplicam na representação sonora. Em português uma letra pode representar mais de um som e um som pode ser representado até por nove letras diferentes, como veremos mais abaixo. O alfabeto romano, que utilizamos em português e em boa parte das línguas do mundo, faz a notação da escrita a partir da reprodução gráfica de um som. Mas só com ele não é possível contemplar o universo sonoro da língua, então ainda há o apoio de diacríticos, isto é, as marcas complementares inseridas nas letras, como o *ç*, por exemplo, que marca a mudança do som [k] representado pela letra C (a letra c quando seguida pelas vogais *a,o,u*, representa o som [k] e se seguida por *e,i*, representa o som[s]). Também o uso do til para nasalizar as vogais (*maçã*), acentos agudos para abrir as vogais (*café*) e circunflexos para fechá-las (*você*); além da crase que indica a fusão de dois *as* em determinadas situações na língua *(ir à festa).* Tudo isso faz parte de um processo de aquisição linguística que envolve o aprendizado da base alfabética (letras representam sons), a conscientização de uma base fonológica (nem todo som é representado por uma única letra) e a aquisição das regras que controlam a forma correta para escrever as palavras.

No caso da língua coreana, que possui um alfabeto (Hangeul) diferente em relação à língua portuguesa (não são as letras do alfabeto romano), esse processo se torna um pouco mais difícil, em função do uso da romanização baseada no alfabeto do inglês, pois este alfabeto não apresenta algumas letras que temos no português, como ç e os diacríticos. Sendo assim, apresentar as nossas letras para os coreanos, partindo da sua nomeação, favorece a associação entre fonema e grafema, mas causa confusões na escrita correta, pois as relações complexas entre sons e letras na escrita em português diferem do inglês para o português e do coreano para o português, como nos exemplos a seguir:

1) um mesmo som pode ser representado por mais de uma letra.
Ex.: /s / = ca**ç**ar, ca**ss**ar, pi**sc**ina, e**x**posição, pa**z**, **c**inema, e**xc**elente, **s**apo e cre**sç**a (neste caso são nove formas diferentes para grafar).

2) uma letra representa mais de um som. Ex. L = /l/ e /u/ - **L**ATA – SA**L**TA
/ u / = papel, Leo, réu

3) e ainda há casos onde a variação linguística acaba interferindo. Ao ouvir falantes nativos, em situações concretas de comunicação e em regiões diferentes do Brasil, podemos encontrar formas variadas, como as representadas nos exemplos abaixo, que são conflituosas para o aprendiz estrangeiro.
Ex.: /pidinu/ = pedindo
/elisforu/= eles foram
/tamein/ = também

Atualmente, quem trabalha com o ensino de português para não-brasileiros, sabe que o ensino vai além do uso comunicativo da língua. Os alunos que vão fazer intercâmbio no Brasil ou mesmo trabalhar em uma empresa sediada no país precisam aprender a escrever na língua. Saber como se escreve as palavras ortograficamente é apenas uma faceta dessa aprendizagem. Decidir se um fonema /s/, vai ser escrito com ç, s, ss, x, sc, sç, z, c, xc, exige do aprendiz muito mais que o conhecimento do vocabulário da língua. É preciso memorizar a forma gráfica e, neste aspecto, uma atividade lúdica pode consolidar o aprendizado.

4. Uma proposta para o trabalho com o registro ortográfico

Quando comecei a ensinar português como língua adicional só para alunos coreanos, ao mesmo tempo em que aprendia a língua coreana, pensei o quão seria difícil para eles a transposição do alfabeto coreano para o alfabeto romano (fig.1):

ㄱ	ㄲ	ㅋ	ㄷ	ㄸ	ㅌ	ㅂ	ㅃ	ㅍ	
g, k	gg, kk	k	d, t	dd, tt	t	b, p	bb, pp	p	
ㅈ	ㅉ	ㅊ	ㅅ	ㅆ	ㅎ	ㄴ	ㅁ	ㅇ	ㄹ
j	jj	ch	s	ss	h	n	m	ng	r, l

Figura 1- Exemplos de Romanização de algumas letras do Alfabeto Coreano. Fonte: De prosa na Coreia. [6]

O que pode parecer um facilitador é o fato de o alfabeto romano ser utilizado na maioria das línguas e que os alunos quando entram na universidade, já aprenderam a base alfabética do inglês, disciplina obrigatória na escolarização básica coreana. O que a princípio parece facilitar, acaba por gerar alguns conflitos. Como a referência de uma escrita romanizada vem do inglês a tendência é fazer a transferência de uma língua para outra. Além disso, haverá interferência do próprio idioma, pois a língua portuguesa tem parte da sua ortografia apoiada no som e a língua coreana também tem o som como suporte para a grafia (por exemplo, ㄱ representa o som [k]). O problema é que alguns sons não existem na língua coreana, como [v], [f] representado pelas letras (v,f), e inglês essas letras representamsons muito próximos, o que pode confundir a representação gráfica, como em: *belief* x *believe.* Ciente disso, o professor pode prever onde os alunos terão dificuldades para escrever certas palavras com essas letras em português. Nessa perspectiva uma atividade como palavras cruzadas, favorece a reflexão sobre a língua, especialmente sobre algumas relações sonoras e ainda, auxilia na aquisição do vocabulário e da ortografia.

A primeira etapa dessa proposta consiste em fazer uma triagem dos problemas que surgem nas atividades de escrita: trocas de letras? Acentuação? Uso inadequado do vocabulário, dos verbos, substantivos, etc.? Assim é possível promover discussões coletivas para que os estudantes expressem suas dificuldades em relação à escrita. Em seguida selecionar o que será sistematizado, no caso aqui proposto seria o erro na grafia de palavras pela troca de letras. Posteriormente propor atividades de revisão que levem à reflexão sobre a forma certa de escrever e, deste modo, ajudá-los a internalizar a norma ortográfica quando produzirem textos escritos e quando explicitarem experiências diárias com o uso da língua, como propõe Nóbrega (2013). Foi assim que surgiu essa experiência com palavras cruzadas no curso de português, ministrado em uma universidade coreana.

5. O Jogo linguístico no aprendizado da ortografia em PLA

O jogo de cruzar palavras teve origem no Antigo Egito e as suas primeiras publicações no Brasil datam de 1925 (Machado, 2012), aparecendo inicialmente no jornal carioca "A Noite". Alguns brasileiros se consideram "viciados" em palavras cruzadas. Temos uma série delas no país, que podem ser adquiridas em bancas de jornais por preços bem populares, além de estarem sempre presentes na maioria dos jornais diários do Brasil. Fazer palavra cruzada é considerada uma forma de entretenimento, muitas vezes apontada como a melhor maneira de estimular a memória. Afora isso, esta atividade também promove a aquisição da ortografia e amplia o vocabulário. Elaborada com fins didáticos, pode contemplar as dificuldades enfrentadas com a escrita do português, confrontando a relação entre os grafemas e os fonemas da língua, unindo a ludicidade ao aprendizado. O jogo é criado a partir das dúvidas que o professor prevê que os alunos vão ter quando estão aprendendo o PLA, considerando a implicação na ortografia da interferência sonoro/gráfica da língua materna ou de outras línguas.

Na escrita ocorre um procedimento de transformação de imagens mentais em informações visuais, que são expressas por um código ou sistema. O sistema escrito de uma língua implica a relação entre fonemas e grafemas e possui um conjunto de regras entendidas pelos falantes de cada idioma. A ortografia, a forma correta de representar graficamente as palavras de uma língua,

[6]Disponível em: http://www.deprosanacoreia.com/search/?q=alfabeto. Acessado em: 10/05/2014.

organiza esse sistema de modo que, todo falante, independente do seu dialeto e da maneira como pronuncia os sons, possa ler qualquer texto na sua língua. Em português, por exemplo, encontramos pronúncias diferentes em várias regiões do Brasil. Como os estudantes coreanos costumam fazer intercâmbio em várias capitais brasileiras, quando retornam à Coreia trazem a forma linguística que aprenderam. Um intercambista relatou em sala como tinha sido *sórtudo* em Salvador, abrindo a vogal pretónica tal qual um baiano. O que não aconteceria com um aluno vindo de Porto Alegre, por exemplo, onde essa variante não ocorre.

O que há de específico em aprender o aspecto gráfico de uma segunda língua? O que um estrangeiro precisa saber para escrever corretamente de acordo com a norma ortográfica do português?

Muitos estudiosos vão dizer que a ortografia é uma imposição inútil para o estrangeiro, que o importante é a comunicação. Ressalto que tratarei, aqui, de um aprendiz específico, aquele que precisa e quer escrever na língua portuguesa.

O estudante coreano, nas suas primeiras tentativas de se comunicar em português tem como base pistas acústico-articulatórias da própria língua. Ao tentar escrever ele também vai usar as mesmas pistas, sendo que, desta vez, baseando-se no conhecimento que já possui da 1ª língua romanizada (o inglês) no que diz respeito à relação fonema-grafema. A atenção se voltará para a forma como a palavra a ser grafada está sendo pronunciada no momento em que é escrita e na dificuldade em relação à representação gráfica dos sons do português que não existem no inventário fonético coreano. E assim, buscar uma maneira de tornar mais fácil de ajudar o aprendiz a lidar com isso. Foi esse sentido que pensei no uso de atividades mais lúdicas que focassem especificamente o problema: qual é a letra, em português, que representa tal som. A partir de uma experiência anterior no Brasil com um material didático elaborado para crianças em processo de alfabetização, denominado "Cruzadinhas, desafios ortográficos" (Brito,1999), com o qual as crianças "brincavam" de cruzar palavras para ajudar a vencer os desafios da ortografia. Esse material inspirou-me na elaboração de palavras cruzadas palavras cruzadas no ensino de português para coreanos.

5.1. As palavras cruzadas

Passar o tempo cruzando palavras é um ótimo exercício para o cérebro, e, ainda, possibilita a compreensão do significado das palavras e a forma correta de escrevê-las. Há vários tipos de palavras cruzadas, como no exemplo abaixo em que a entrada no diagrama é o verbete[7] e, à parte, há o significado das palavras, como vem no dicionário. Deste modo as palavras se cruzam apresentado pistas que levam o leitor a descobrir qual palavra tem aquele significado, como na figura 2.

[7]Verbete é a forma como a palavra aparece no dicionário.

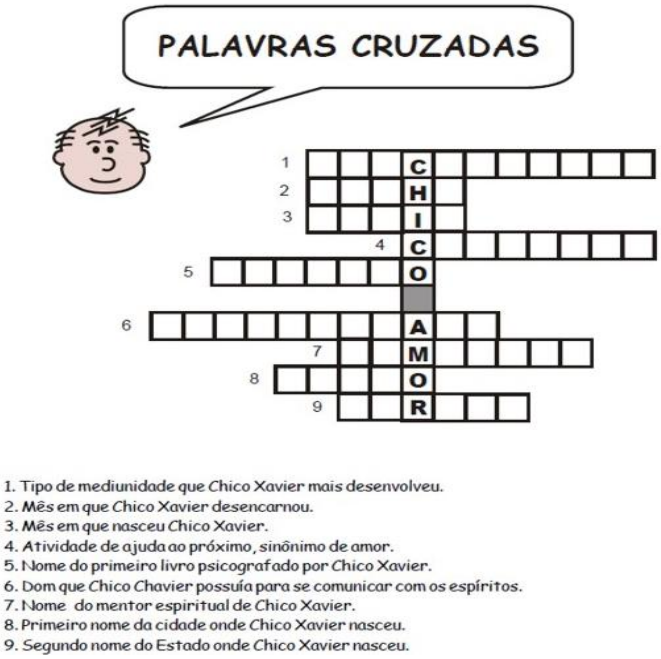


Figura 2- modelo de palavra cruzada.http://omanancialzinho.blogspot.kr/2011/08/palavras-cruzadas-chico-xavier.html

A outra modalidade de cruzadinha trabalha a ortografia a partir da cópia. O aluno escuta a leitura das palavras pelo professor e tenta encaixar as palavras. Neste caso eles têm pistas para o cruzamento pelo número de quadrinhos no diagrama, como na fig.3

Figura 3-Modelo de cópia cruzada extraído de material produzido pela Escola Balão Vermelho-BH-MG (guilherme@balaovermelho.com.br)

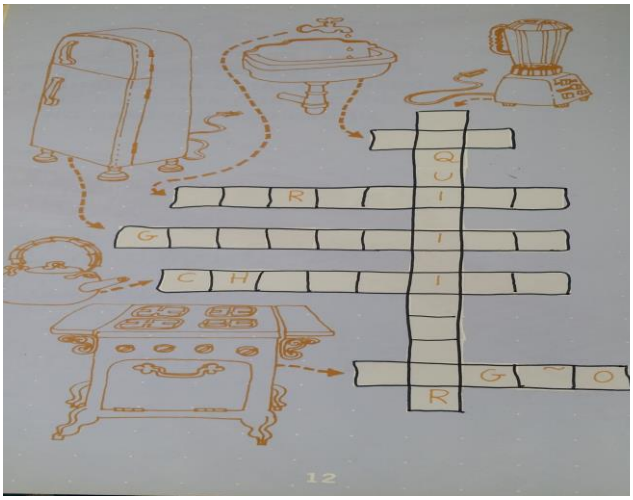
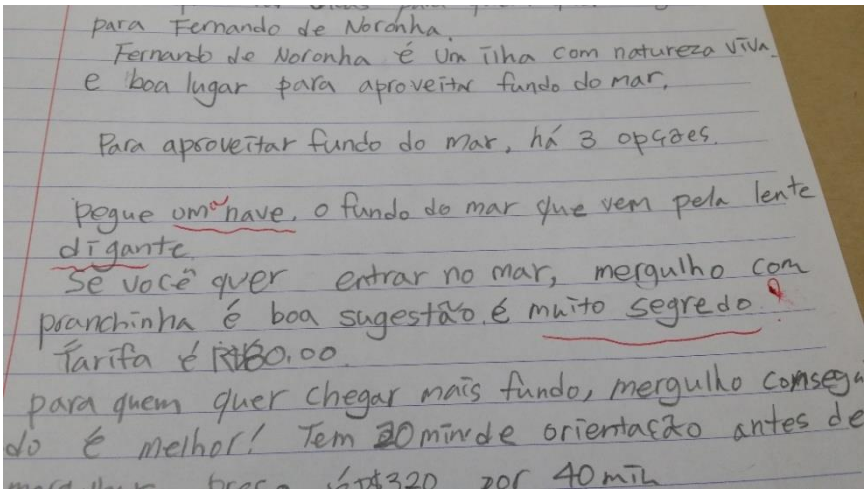


Figura 4- modelo de palavras cruzadas com imagens. Extraída de: Brito (2008).

No modelo apresentado na figura 4, fazer a palavra cruzada implica em uma série de escolhas e procedimentos que obedecem às regras do sistema de escrita da língua portuguesa. As palavras são organizadas de forma a prever onde incidirá o erro na escrita. A proposta é que se insiram no cruzamento das palavras, as letras que representam problemas para o aprendiz, o que pode ser identificado através de produções de textos realizadas em sala, conforme figura 4. Em uma produção de texto com uma turma de coreanos, encontrei várias palavras que teriam de ser grafadas com G e escreveram D (gigante, dinâmica, exemplificado nas figuras 5 e 6).


para Fernando de Noronha.
Fernando de Noronha é Um ilha com natureza viva
e boa lugar para aproveitar fundo do mar,

Para aproveitar fundo do mar, há 3 opções.

pegue um nave, o fundo do mar que vem pela lente
digante.
Se você quer entrar no mar, mergulho com
pranchinha é boa sugestão é muito segredo.
Tarifa é R$80,00.
para quem quer chegar mais fundo, mergulho conseg
do é melhor! Tem 30 min de orientação antes de
40 mil

Figura 5

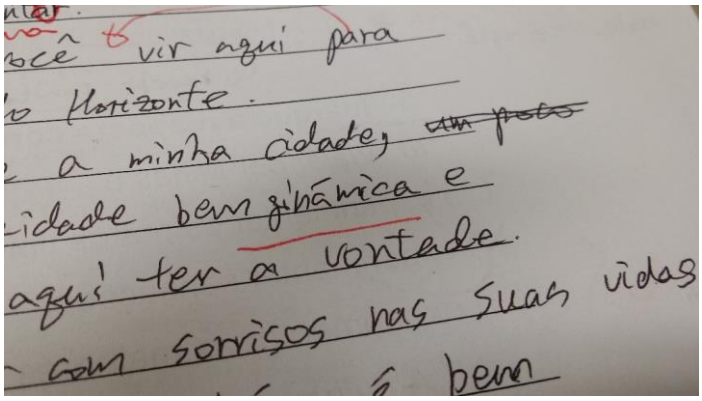

você vir aqui para
o Horizonte.
a minha cidade,
cidade bem dinâmica e
aqui ter a vontade.
com sorrisos nas suas vidas
é bem

Figura 6

A consoante G, que no português pode representar dois sons, na escrita romanizada do coreano, baseada no inglês, é apenas [g], como a palavra “gato”. Por exemplo, a palavra 고기 (carne), na romanização*kogi*. Em português, esse som [g] seguido pelas vogais e,i, são representados pelo dígrafo *gu (*guerra, guia*)* e quando escrito com a letra g sozinha tem som [Z], como em *geladeira* e *girafa*, igual ao som da letra j (janela, jiboia, jeito). No coreano a romanização com a letra j tem som [dZ], como as palavras *dia*, *diamante* e *duende*, em português. Desta forma o diagrama contém as partes com dificuldades já preenchidas, facilitando para o aprendiz, a memorização. Ele lê a palavra em coreano, pensa no significado, escuta como se pronuncia e registra em português.

A representação do som [Z] ou [dZ] por alunos coreanos tende a ser feita com a letra j, pois é assim a forma romanizada destes sons. Prevendo isso as letras corretas são inseridas no diagrama, facilitando a internalização da forma ortográfica. A preocupação aqui, por enquanto, não é saber o significado da palavra e sim, sua grafia.

O jogo linguístico com palavras cruzadas será aliado à tradução, uma práticarecorrente no ensino de línguas para coreanos. Isto é, as palavras que deverão compor o diagrama estarão escritas em coreano e o aluno vai traduzi-las para o português preenchendo o diagrama. Essas palavras selecionadas, quando traduzidas, permitirão que o aprendiz resolva os conflitos com a grafia. Conforme figura 6.

Esse diagrama ilustra uma das dificuldades encontradas na escrita dos alunos coreanos e a maneira como foi elaborada a palavra cruzada.

EXEMPLO 1-

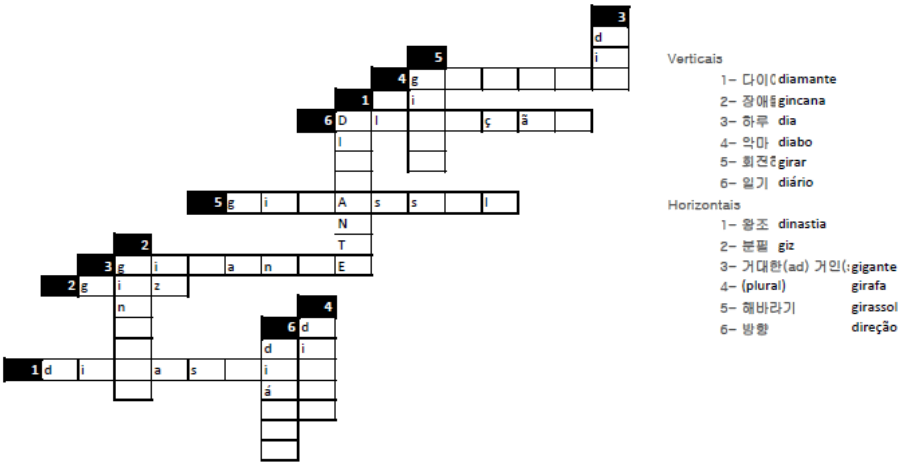


Figura 7- Elaboração da palavra cruzada: do Coreano para o Português

O cruzamento das palavras é previsto de acordo com cada dificuldade apresentada na escrita, já deixando nos quadradinhos o grafema que pode gerar uma dúvida ortográfica. Isso é feito com várias palavras do português, criando uma espécie de glossário ortográfico, contendo apenas os verbetes.

Na figura 5 ilustro uma outra palavra cruzada criada para mostrar uma situação em que os sons [r] e [l], representados no coreano pela consoante ㄹ, geram conflito na escrita, pois em português os grafemas R e L, representam esses dois sons. E ainda há uma relação conflituosa entre sons e letras representadas por essas consoantes. A letra R no início de palavras representa um som forte [h] em várias regiões do Brasil, e só ocorre [r], som fraco, em encontros consonantais (bravo, trabalho, preto) e sozinho, no meio da palavra entre vogais (caro, barato). A letra R é duplicada no meio de palavras entre vogais para marcar a diferença entre o som forte, representado no coreano como ㅎ (romanizado com H) e fraco ㄹ(romanizado com r,l) , mas isso não ocorre em todo o território brasileiro. Isto é, a letra R dobrada pode ser lida com o som forte em **Carro** em Belo Horizonte, Rio de Janeiro, entre outras cidades, mas é lida com o som fraco, mesmo sendo dobrada, como na região Sul de Minas Gerais, no interior paulista e no Sul do Brasil. Em uma frase como “*o carro da Hyundai é caro*”, as duas representações do ‘r’ são pronunciadas como “R” tepe, aquele que apresenta uma certa vibração e é encontrado no Rio Grande do Sul, Santa Catarina, na capital

paulista e em outras cidades desse estado, como mostram os dados do ALIB[8]. A letra L também apresenta representações diferentes, mas com pouca variação. Se seguida de vogal tem o som [l]- (lata), mas no final de sílaba vocaliza [w]- (sol).

Exemplo 2

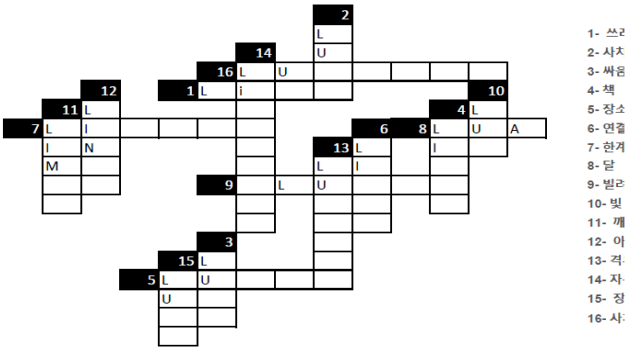


Figura 8- Palavra cruzada do coreano para o português- Lu-Li

Como a tendência é, por interferência do som, haver uma troca entre as letras L e R na escrita, o cruzamento possibilita a internalização da regra de que o som [l] seguido pelas vogais i e u será sempre representado pela letra L.

E assim sucessivamente pode-se priorizar vários grafemas no português contrastando com o fonema coreano. Além de ampliar o vocabulário, ajuda a aprender a grafia correta das palavras. As dicas para a escrita, que nos exemplos foram apresentadas em coreano podem ser substituídas por imagens. A ideia é facilitar a retenção na memória, sem a ansiedade para procurar o significado.

A proposta apresentada tem como foco o ensino reflexivo da ortografia, que é apenas uma faceta do ensino de PLA. Ela representa um movimento de deslocamento e de aproximação das práticas de linguagem escrita mais complexas que distinguem a leitura e a redação de textos. Os deslocamentos permitem a descoberta e a sistematização das regularidades ortográficas do português do Brasil que posteriormente são aplicadas naturalmente nas produções de textos.

6. Considerações finais

O Estudo da ortografia no contexto do ensino de português como língua adicional vem sendo meu objeto de estudo desde 2012 (Chaves, 2012). As observações em sala de aula, os textos produzidos pelos alunos e as suas dúvidas sobre a escrita correta de determinadas palavras, subsidiam a elaboração de propostas que possam dar suporte didático para os professores, diante da necessidade de quebrar o paradigma consagrado de supervalorização da conversação em detrimento da ortografia. Como afirmado nesse artigo, as novas demandas dos aprendizes de PLA não permitem prescindir da ortografia e sua prática.

A estratégia para o aprimoramento da ortografia que discuto nesse texto é apenas um recurso a mais para avançarmos no trabalho na sala de aula com o português como segunda língua. Não substitui o aprendizado formal e sistemático da escrita correta das palavras, e nem pretende isso. É, na verdade, uma tentativa de ajudar os alunos a interiorizarem melhor as normas para se escrever corretamente na língua portuguesa, descobrindo suas peculiaridades, a partir da reflexão sobre a língua e seu uso.

[8] ALIP (Atlas linguístico do Brasil). Disponível em www.alib.ufba.br.

Referências

Almeida Filho, José Carlos Paes (Org.). 1992. Identidade e caminhos de Portuguêsparaestrangeiros. Campinas: SP: Ed. UNICAMP.

Brito. Iêda Maria Luz.1999. Primeiras Cruzadinhas-desafios ortográficos. Belo Horizonte: EditoraBalãovermelho.

Chaves, Idalena Oliveira. 2000.A construção da representação gráfica da nasalidade na faseinicial da aquisição da escrita. Belo Horizonte: FALE-UF MG. (DISSERTAÇÃO) Chaves, Idalena Oliveira. 2012.A ortografia nas aulas de português como língua adicional. In. Português Língua Adicional:ensino e pesquisa.Recife:Ed.Universitária da UFPE, pg. 107-114.

Dell‘ isola, Regina Lúcia Péret. 1996. Português Língua Estrangeira: Do texto ao texto. In: IIISeminário da SociedadeInternacional Português Língua Estrangeira. Rio de Janeiro, Niterói, p. 33-38.

Dell‘ isola, Regina Lúcia Péret.2005. Em busca da formação continuada de professores dePortuguês como Língua Estrangeira: Alguns parâmetros. In: Judice, Norimar (Org.). Ensino da língua e da cultura do Brasil para estrangeiros. Niterói, Intertexto, p. 9-30.

Dell‘ isola, Regina Lúcia Péret. 2012. Português Língua Adicional: ensino epesquisa/organizadora. Recife: Ed. Universitária, da UFPE.

Jedrzejak. Camille. 2012. L’apport de la musique dansl’apprentissage d’une langue etrangere.(disponível em http://dumas.ccsd.cnrs.fr/735130). Acessoem 20/10/2014.

Júdice, N. .2005. O ensino da língua e da cultura do Brasil para estrangeiros: pesquisas e ações. Niterói: Intertexto.

Krashen, S. (1989). We acquire vocabulary and spelling by reading: Additional evidence for theinput hypothesis. The Modern Language Journal, 24, 237-270. In The Electronic Journal for English as a Second Language (disponívelem:http://www.teslej.org/wordpress/issues/volume7/ej26/ej26a4/). Acesso 17/12/2014).

Machado, Josué. Palavrascruzadas. http://revistalingua.uol.com.br. (17/12/2014). Revista Língua Portuguesa. São Paulo Ed.31.

Nagy, W., & Herman, P. (1987). Breadth and depth of vocabulary knowledge: Implications for acquisition and instruction. In M. G. McKeown& M. E. Curtis (Eds.), The nature of vocabulary acquisition. Hillsdale, N.J.: Lawrence Erlbaum.

Paiva.V.L.M.O. 2004. Ensino de vocabulário. In: Dutra, D.P & Mello, H. A gramática e ovocabulário no ensino de inglês: novas perspectivas. Belo Horizonte: Faculdade de Letras/UFMG,

Roberge, Alexandre. Comment le cerveau assimileune nouvelle langue. Disponívelem: http://cursus.edu/. Acesso em 19/12/2014)

Tardin, Rica de C. 2007. Das origens do comunicativismo. In. Alvarez, Maria Luisa O., Silva, Kleber A. Da. (orgs). Linguística Aplicada. Múltiplos Olhares. Brasília/Campinas:UNB,Finatec/Pontes.

Date received: 23/10/2014
Date revised: 18/12/2014
Date accepted: 29/12/2014